

# O TURISMO RURAL COMO INSTRUMENTO DE ENSINO DE GEOGRAFIA SOB A PERSPECTIVA SOCIOAMBIENTAL: ESTUDO DE CASO DA FAZENDA TROPEIRO CAMPONÊS

Paula Terres Carvalho  
[paulageoupf@yahoo.com.br](mailto:paulageoupf@yahoo.com.br)  
Universidade de Passo Fundo - UPF

## Resumo

Educar na sociedade de hoje requer mais criatividade, domínio do conteúdo e empenho do que há alguns anos atrás. A entrada de novas tecnologias dinamizou processos e demonstrou a necessidade de inovar nas dinâmicas e didáticas, transformando o processo de ensino-aprendizagem em algo mais atrativo e eficiente, que se interessa mais pela construção do conhecimento ante a sistematização. A partir disso, o presente estudo preocupa-se em reconhecer a contribuição do turismo rural – especificamente o desenvolvido na Fazenda Tropeiro Camponês/Passo Fundo-RS – como uma atividade educativa dentro da proposta do ensino de Geografia bem como da de Educação Ambiental. Para tanto foi efetuado levantamento de informações primárias e secundárias além de registros fotográficos e acompanhamento a um grupo de participantes que realizaram o passeio. A partir dessa observação foi possível perceber que, com um direcionamento pré-organizado e orientações durante o percurso, é possível transformar as atividades de turismo rural na área de estudo num processo de aprendizagem dinâmico e interativo, tanto para a disciplina de geografia quanto para a sensibilização para a proteção do meio ambiente, onde os envolvidos têm uma maior aproximação com o conteúdo estudado.

Palavras – chave: Geografia, Turismo Rural, Fazenda Tropeiro Camponês, Meio Ambiente, Educação Ambiental.

## Introdução:

Se já houve um tempo em que a educação só acontecia nas quatro paredes da sala de aula, com certeza já não existe mais. A entrada da tecnologia na sociedade serviu para muito mais do que facilitar a vida cotidiana e oferecer certas mordomias, serviu para apresentar possibilidades de mudar particularmente ações e atitudes há muito ultrapassadas. Essa modernização atingiu a educação, mesmo que não maciçamente, seja na forma de materiais didáticos ou na mudança das propostas educacionais vigentes.

E a mudança gera movimento! Estudiosos passaram a rever conceitos, estratégias, metodologias e, principalmente, atitudes. Piaget, Vygotsky, Freire, entre outros, estudaram e pesquisaram, buscando compreender como tornar o aprendizado uma ação coerente, necessária e prazerosa. Mais do que alunos que decoravam conteúdos, eles buscavam futuros cidadãos ativos.

Nessa perspectiva, a Geografia, dinâmica como é, se inseriu habilmente, procurando transpassar o tradicionalismo da “decoreba”, buscando a compreensão e assimilação dos conteúdos como partes do dia-a-dia. A aproximação desses saberes das atividades cotidianas permitiu que os alunos vissem a Geografia de forma mais simplificada, mais próxima deles.

O Trabalho que se apresenta é o resultado de uma visita a área de estudo, a Fazenda Tropeiro Camponês – Distrito de Pulador / Passo Fundo / RS, realizada por uma turma de crianças da Wizard Escola de Idiomas, idealizada como atividade alusiva ao Dia das Crianças. Como o roteiro de visita ainda não era conhecido por esta acadêmica, fui com o intuito de observar a reação dos envolvidos bem como as limitações e potencialidades que poderiam ser desenvolvidas num trabalho de campo direcionado.

O desafio é perceber as diferentes percepções. É poder encontrar no turismo, uma atividade econômica de fama tão elitizada, um propósito social, ambiental e que possa trazer contribuições para o processo de construção de uma sensibilização em relação ao meio ambiente, além de incrementar o ensino através da experiência vivida.

### **Geografia e Turismo Rural: aliados no ensino e na sensibilização ambiental**

Sabe-se que a educação possui múltiplas linguagens e pode se utilizar de diferentes ferramentas para atingir seus objetivos. O turismo, especificamente o turismo rural, é uma alternativa de atividade bastante viável e que possui uma relevância ambiental verdadeiramente positiva, podendo ser utilizado de forma orientada para atingir a sensibilização. Conceitualmente, há muitas divergências, no entanto, nesse artigo, adotar-se-á o que propõe Campanhola e Silva (*Apud* RIBEIRO, 2000, p. 31) quando colocam que o

[...] turismo no meio rural consiste de atividades de lazer realizadas no meio rural e abrange várias modalidades definidas com base em seus elementos de oferta como: turismo rural, ecológico ou ecoturismo, turismo de aventura, turismo cultural, turismo de negócio, turismo jovem, turismo social e turismo esportivo.

Atualmente o planeta está vivendo uma grande crise ambiental, anunciada por muitos e que não se trata fatos e acontecimentos sem explicação, mas sim de resultados das ações humanas sobre o planeta, desde que o homem se considerou superior as demais raças e fez de seu habitat um lugar de exploração desenfreada. Como bem coloca Freire, é chegada à hora da mudança de atitude, de assumir a responsabilidade perante o meio ambiente:

[...] urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, a vida dos outros animais, a vida dos pássaros, a vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre seres humanos, se não nos tornarmos capazes de amar o mundo.. (apud FREIRE, 2003, p. 12)

Os educadores devem então trabalhar dentro e fora da escola, integrando suas ações, explorando a possibilidade de ir além, de ser multidisciplinar. A sincronia nas atividades vem ao encontro de permitir a interação e a aproximação da sociedade com as questões ambientais bem como demonstrar a eminência dos problemas que cercam o planeta.

Uma dessas estratégias a serem utilizadas pode ser o turismo rural, por envolver diretamente o meio ambiente e as formas de apropriação realizadas pelo homem. Aproveitar-se dessa intensa interação pode ser benéfico se a utilização for direcionada e contextualizada para a sensibilização ambiental. “O turismo no espaço rural tem como peculiaridade ser uma atividade capaz de integrar-se as atividades produtivas cotidianas da propriedade rural, como a pecuária leiteira, o plantio do milho, entre outras.” (ROQUE E VIVAN, 1999, p. 04) E se

utilizar dessas práticas ou interagir nesse meio só a vem a contribuir com o processo de aprendizagem e de reconhecimento do meio ambiente como nossa fonte de vida.

Aproximar a prática turística da educação pode ser uma forma, também, de desmistificá-la como uma atividade elitizada, que promove o consumismo e despreocupada com questões sociais. Na verdade, esse direcionamento tem o poder de absolvê-lo, permitindo que pessoas tenham contato com atividades diferentes daquelas praticadas em seu ambiente de vivência, mantendo um caráter de preservação que muitas vezes, em sala de aula, não são possíveis.

Perinotto (2008, p. 02) simplifica pontuando com simplicidade essa relação:

[turismo rural é] uma ferramenta de educação ambiental que, na prática, demonstra a teoria das salas de aula. Pode ser vivenciado junto à natureza e ao campo, onde os alunos entram em contato com a comunidade local, sentem as dificuldades do cotidiano da localidade e adquirem novos conhecimentos e informações sobre o espaço rural, interagindo com os atrativos / recursos turísticos visitados. Em geral, é uma prática prazerosa que dificilmente é recusada pelos estudantes; pelo contrário, estes muito apreciam participar de uma viagem ou de um passeio nos arredores da escola, pela cidade ou de uma excursão pela região rural. Neste contexto, o professor atinge seus objetivos didáticos de forma lúdica, pois as atividades pedagógicas são desenvolvidas com brincadeiras e entretenimento.

Mais importante que isso é o resultado em longo prazo dessa aprendizagem. O aluno que for sensibilizado durante esse processo, levará essa prática para sua casa, para a família e amigos, possibilitando a ampliação da área de acesso das informações. Quando os envolvidos são atingidos de forma dinâmica e criativa, eles interagem com o meio e compreendem a necessidade de cuidar, de preservar a natureza da qual dependem.

A Geografia se apropria então, dessas novas metodologias para desenvolver um trabalho diferenciado, que objetiva a interação aluno com os conteúdos estudados. Não é possível aprender somente dentro de quatro paredes, com o auxílio de um quadro-negro e giz. É preciso transpassar a porta e ver acontecer, é compreender e poder relacionar aquilo que estão vendo com o que estão aprendendo, é poder apreender o conhecimento ante a decorá-lo. A Geografia não tem medo de apresentar desafios e de estimular os educando para explorá-la, mas cabe ao professor orientar os caminhos e fornecer condições para a construção do conhecimento.

Monbeig explana exatamente sobre a importância do ensino de Geografia e sobre a necessidade de se aproximar mais da linguagem dos educandos do que apresentar-lhes textos ou conteúdos complexos.

[...] o ensino da geografia desenvolve o senso do tempo e ajuda a compreender a noção da evolução. Relevo, solos, gêneros de vida, modos de ocupação do solo, correntes de comércio, potência das nações, tudo evolui e cada capítulo de um curso de geografia consigna esta constante transformação, indicando-lhe simultaneamente os fatores e as conseqüências. Esse aspecto da geografia, portanto, ressalta que o ensino bem feito dá aos jovens o senso da realidade e ao mesmo tempo o da evolução. Pode ajudá-los a se compenetrarem de sua posição exata na curva do tempo; de herdeiros do passado e germes do futuro. Resultado esse obtido não por meio de frases e discursos que os jovens não escutariam ou de que pouco se lembrariam, mas por fatos exatos cuja lição aparece automaticamente. (1954, p. 01)

As saídas de campo já podem ser consideradas atividades imprescindíveis para o fortalecimento dos laços entre os alunos e essa ciência, pois a geografia lida com assuntos do

cotidiano e é no dia-a-dia que os alunos devem perceber e compreender sua importância. O que está longe é importante, mas o que lhes é real é o que primeiramente importa. É importante saber compreender os conflitos vividos no espaço de vivência para poder entender o que se passa no resto do mundo.

Sabendo que “as escolas têm um papel fundamental na modificação dos padrões de comportamento e consumo das crianças e dos jovens, com intuito de torná-los agentes ativos no processo de obter melhor qualidade de vida e adequado relacionamento com o meio ambiente natural” (AGUIAR e MORELLI, 2006, p. 01), há que se formar alianças, entre as propriedades e as instituições de ensino para que possam trabalhar juntos na promoção de uma educação voltada para o meio ambiente.

O turismo e a educação possuem um lado social muito forte, que os torna semelhantes em suas relações. Essas duas áreas do permitem construir entendimentos, analisar espaços e compreender a organização ao qual o mundo se submete atualmente. A interação dos participantes/educandos possibilita experiências significativas, que contribuem para a consolidação de ações e formações educativas. (CID, 2005, p. 01).

A partir dessa concepção, o trabalho que pode ser desenvolvido na Fazenda Tropeiro Camponês apresenta-se como extremamente positivo, visto que permitem diversos enfoques e ao mesmo tempo, está “ao alcance das mãos”. Esse tipo de prática torna a Geografia uma disciplina atrativa e prazerosa, além de contribuir para desmistificar essa ciência como aquela cujos conteúdos não servem para nada. A experiência é o melhor aprendizado, permitindo que o aluno interaja e absorva o conhecimento sem perceber, esse é o tipo de saber que pode ser ensinado.

## **O Roteiro de Turístico Rural da Fazenda Tropeiro Camponês – Passo Fundo/RS**

A Fazenda Tropeiro Camponês (Fig. 01), localizada no interior do município de Passo Fundo, oferece atividades na área de turismo rural concomitantemente ao desenvolvimento das atividades agropastoris. Compreende a área de 110 ha distribuídos na produção de leite, ovos, queijo, manteiga e frangos, frutas. Desenvolve a atividade turística há cerca de 10 anos e na medida em que o roteiro foi se consolidando, os proprietários passaram a investir em melhorias para o lugar. A última novidade é a construção de uma pousada (Fig. 02) que disponibiliza a estadia por vários dias na fazenda, tudo mantendo a decoração rústica e característica de uma propriedade rural.



Fonte – Passeio dia 18 de outubro de 2008.  
Figura 01 – Fazenda Tropeiro Camponês.



Fonte – Passeio dia 18 de outubro de 2008.  
Figura 02 – Pousada recém-construída.

A recepção dos participantes é feita em um galpão todo modificado para receber os turistas, com chimarrão e suco de laranja natural. Ali são dadas as primeiras instruções de como será o percurso, lembrando que o passeio e as atividades consomem todo o dia.

O passeio inicia quando todos estão a “bordo” do único meio de transporte utilizado durante todo o dia: o carretão (Fig. 03). Com todos acomodados, começa a viagem pelos encantos naturais e históricos do lugar. A primeira parada é no Marco do Pulador, um lugar onde foi construída uma baliza que relembra uma das batalhas mais sangrentas da Revolução Federalista: a Batalha do Pulador. Ali, o guia e proprietário da Fazenda, contextualiza a revolução e explica, como aconteceu a batalha e porque tanta gente perdeu a vida no local. A seguir, sobe-se novamente no carretão e segue em direção a área de reserva legal da propriedade, formada por árvores nativas. O guia explica que toda a área que será percorrida através das trilhas faz parte de duas fazendas, a dele e de um parente, e que por isso ele tem a concessão para utilização. Chegando ao local, faz os devidos avisos sobre a conservação do lugar e apresenta um pouco da diversidade de fauna e flora ali existente (Fig. 04).



Fonte – Passeio dia 18 de outubro de 2008.  
Figura 03 – Carretão, meio de transporte utilizado no passeio.

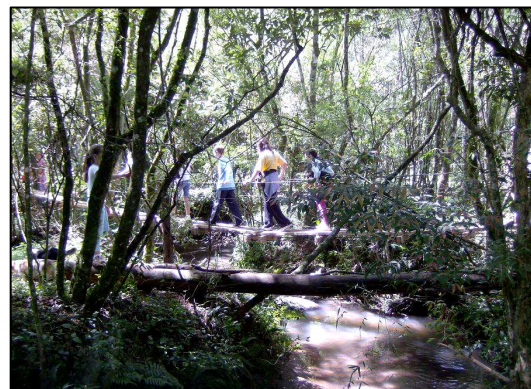


Fonte – Passeio dia 18 de outubro de 2008.  
Figura 04 – Explicações e orientações do guia para início da trilha

Isso posto, segue-se a trilha pela mata, num percurso que durará em torno de 2 horas, dependendo do tamanho do grupo. Durante a caminhada é possível identificar pitangueiras, cerejeiras, cipós, araucárias e diversas outras árvores que fazem parte da flora da região (Fig. 05). Pássaros, aranhas, toca de tatus e cobras, demonstram que ali também a fauna se desenvolve, aproveitando-se da área preservada para sobreviver, pois o entorno é basicamente área de cultivo. Há também, no percurso, a travessia de córregos, riachos, banhados e nascentes diversificando ainda mais a paisagem observada (Fig. 06).

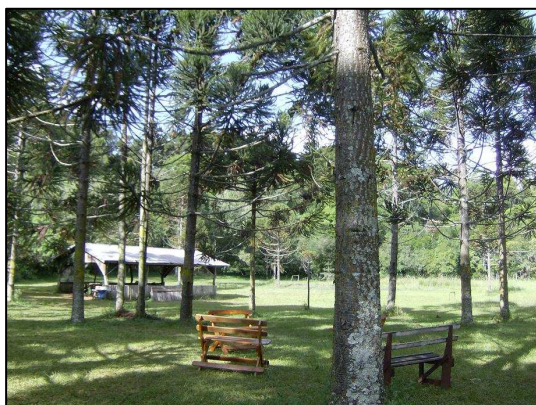


Fonte – Passeio dia 18 de outubro de 2008.  
Figura 05 – Trilha pela Mata.



Fonte – Passeio dia 18 de outubro de 2008.  
Figura 06 – Travessia de um córrego.

O final da trilha converge para uma clareira que foi dotada de infra-estrutura para receber os turistas (Fig. 07). Ali é servido o almoço, composto por churrasco campeiro<sup>1</sup> (Fig. 08), arroz, salada e com suco de laranja natural para acompanhar. O local dispõe de bancos e também de uma rústica canalização de uma nascente que trás água límpida e fresca para a alegria dos participantes.

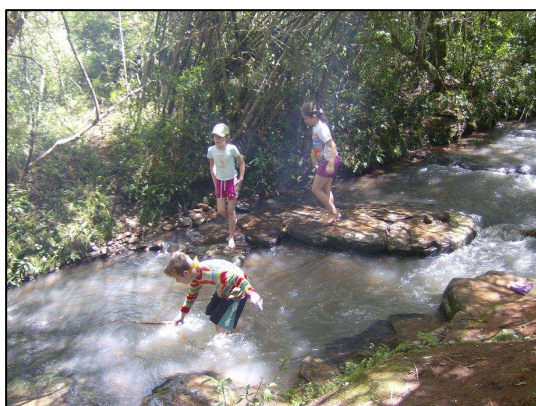


Fonte – Passeio dia 18 de outubro de 2008.  
Figura 07 – Vista do local onde finaliza a trilha.

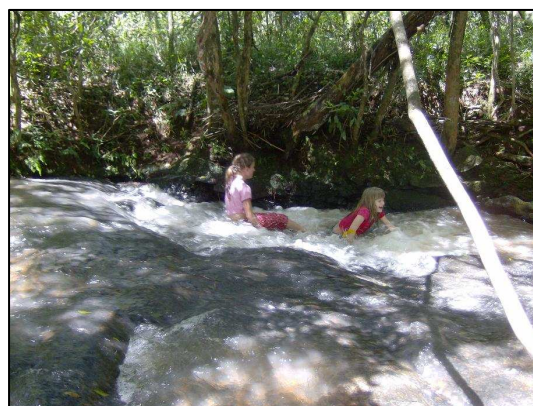


Fonte – Passeio dia 18 de outubro de 2008.  
Figura 08 – Churrasco campeiro.

Após a degustação do almoço, todos estão livres para aproveitar-se do gramado para a “*siesta*” ou molhar os pés na água nos dois riachos (Fig. 09 e 10) que se unem no limite da área de descanso.



Fonte – Passeio dia 18 de outubro de 2008.  
Figura 09 – Crianças brincando no riacho.



Fonte – Passeio dia 18 de outubro de 2008.  
Figura 10 – Crianças se divertindo no “rala bunda”.

A partir daí, são oferecidos também a possibilidade de fazer um passeio a cavalo (Fig. 11), guiado ou livremente, dependendo a agilidade do turista. As crianças também podem fazer uso da quadra (gramada) de vôlei ou praticar o famoso futebol na lama (Fig. 12), onde o jogo é o que menos importa.

---

<sup>1</sup> Churrasco feito com fogo de chão, típico da região Ca campanha.



Fonte – Passeio dia 18 de outubro de 2008.  
Figura 11 – Passeio a cavalo.



Fonte – Passeio dia 18 de outubro de 2008.  
Figura 12 – Futebol na lama.

Posterior a isso, o guia ainda oferece uma caminhada por mais trilha (Fig. 13), seguindo novamente pela mata, até a nascente que abastece de água potável o lugar onde aconteceu o almoço. Novamente é possível encontrar inúmeras árvores nativas, com uma vegetação um pouco mais densa e com árvores mais frondosas. Ao final, os turistas são encaminhados para o carretão (Fig. 14), para o retorno a sede da fazenda para degustar um café colonial (Fig. 15), feito com produtos fabricados na propriedade, com uma infinidade de opções. Aos que ainda tiverem fôlego, atrás do galpão há um *playground* (Fig. 16) montado utilizando-se somente de eucaliptos, o que deu um toque diferente e atrativo a ele.



Fonte – Passeio dia 18 de outubro de 2008.  
Figura 13 – Segunda trilha do roteiro.



Fonte – Passeio dia 18 de outubro de 2008.  
Figura 14 – Retorno a sede da Fazenda com o Carretão.



Fonte – Passeio dia 18 de outubro de 2008.  
Figura 15 – Café Colonial.



Fonte – Passeio dia 18 de outubro de 2008.  
Figura 16 – O *playground* da Fazenda.

É nesse clima de festa que se finaliza o dia. Enquanto os participantes aproveitam o restinho da luz do sol, fazem planos para a próxima visita, dizendo que pretendem trazer parentes e amigos, para praticarem o roteiro e se divertir com as diversas atividades oferecidas.

### **Considerações finais**

O dinamismo da Geografia permite que sejam inúmeras as possibilidades de exploração do roteiro oferecido pela Fazenda tropeiro Camponês. Na realidade, esse passeio é uma ótima forma de promover a interdisciplinaridade, pois permite que muitas disciplinas escolares se utilizem dos aprendizados e saberes desenvolvidos durante todo o dia. Outro ponto positivo é que pode ser desenvolvido por diversas idades, com variados enfoques, tornando-se atrativo até mesmo para as pessoas mais velhas, como as que freqüentam o sistema de Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Especificamente foram abordados, durante todo o dia, questões referentes relação rural x urbana, divisores de águas (relevo), questões culturais e históricas, produção e consumo, preservação do meio ambiente, questões hídricas, de fauna e flora, aproveitamento das áreas, entre outras. As possibilidades são inúmeras, podendo ser contextualizadas com as vivências do dia-a-dia.

Ainda há espaço para explorar as relações sensoriais, ou seja, aquelas percepções do que foi sentido durante o passeio, afinal a paisagem que nos rodeia tem influência sobre a nossa vida. Explorar, principalmente os contrastes entre a realidade da vida diária e o que foi vivido durante as atividades permite formar concepções sobre qualidade de vida dos participantes bem como fortalecer o processo de interação com outros meios. Essas são atividades que poderão ser dinamizadas e dirigidas para a importância de ambientes naturais a nossa volta.

São dois processos de ensino (físico e perceptivo) a serem aproveitados para promover uma aprendizagem de qualidade, que permite ir além dos conteúdos normais e tornar a necessidade de aprender mais produtivo e atraente. Essa é a interatividade que a educação deve propagar para seguir adiante, pois os sistemas tradicionais não agradam e não permitem um real aprendizado aos alunos.

A título de exemplificação, as crianças envolvidas nesse dia, mesmo sem a preparação para um dia de campo, faziam referência as coisas que tinham visto em sala de aula ou que conheciam, interagiam com o meio e se deliciavam com a experiência de entrar no rio, de pisar barro ou de comer ao ar livre. Mesmo as que faziam o passeio pela segunda vez pareciam ligados ao meio, identificando árvores e plantas, ou simplesmente aproveitam-se para reconhecer o lugar.

Verbalmente, expressavam contentamento de estar no local dizendo que *“esse lugar é legal porque podemos nos sujar e andar entre o mato, os animais e o rio. Quando nós podemos entrar no rio é bem legal... a água é geladinha”*; *“eu nunca tinha visto um mato assim, com tanta árvore. Aqui tem sombra e se a gente tá no sol e vem pra sombra, o calor já passa. Embaixo da árvore é até meio frio.”* Quantas relações e quanta conscientização socioambiental podem ser trabalhadas sob somente essa afirmação. E, esse tipo de aprendizagem, com a experiência, faz com se torne um saber seja definitivo e apreendido, não caindo no esquecimento. Não há forma de reproduzir esse efeito em sala de aula, é preciso e, muito mais prazeroso, vivenciá-lo.



## Referências Bibliográficas

AGUIAR, Carmen Maria; MORELLI, Grazielle; **Turismo e Educação: as relações possíveis.** Revista Digital - Buenos Aires - Año 11 - N° 97 - Junio de 2006. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd97/turismo.htm>. Acesso em: 15/10/2008.

CID, Jisleyangela Freitas. **Educação Ambiental e Turismo.** Revista Turismo. Jun 2005. Disponível em: <http://www.revistaturismo.com.br/artigos/educacaoambiental.html>. Acesso em: 15/10/2008.

FREIRE, Ana Maria Araújo. O Legado de Paulo Freire a Educação Ambiental. In NOAL, Fernando Oliveira; BARCELOS, Valdo Hermes de Lima. (orgs). **Educação Ambiental e Cidadania: cenários brasileiros.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

MONBEIG, Pierre. **O Papel e o Ensino de Geografia.** Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira, São Paulo, Difel, 1957. *Excerto.* Disponível em <http://www.geocritica.com.br/texto09.htm>. Acesso em: 12/02/2009.

PERINOTTO, André R. C. **Turismo pedagógico: uma ferramenta para educação ambiental.** Caderno Virtual de Turismo, Vol. 8, N° 1. Disponível em: [www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/include/getdoc.php?id=796&article=308&mode=pdf](http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/include/getdoc.php?id=796&article=308&mode=pdf). Acesso em: 14/10/2008.

RIBEIRO, Marciana Leite. **Novas Formas de Ocupação do Meio Rural e Natural no Município de Caçapava-SP: o caso do entorno do núcleo Guamirim.** *Tese de Mestrado.* Disponível em: <http://www.obt.inpe.br/pgsere/Ribeiro-M-L-2001/CAP2.pdf>. Acesso em: 22/01/2009.

ROQUE, Andréia M; VIVAN, Antônio M. **Revista de administração da UFLA.** Lavras/MG, 1999. Disponível em: <http://bibemp2.us.es/turismo/turisonet1/economia%20de%20turismo/turismo%20rural/turismo%20no%20espa%C3%A7o%20rural%20estrategia%20brasileira.pdf>. Acesso em: 22/01/2009.